



STARCRRAFT  
HEART OF THE SWARM

# O FRIO DA SIMETRIA

Por Cameron Dayton

*Por que nosso encontro se dá sob a lua cheia, criança?*

Não sei, Mestre. Por causa da luz? Saalok brilha com força esta noite.

*Você se aproxima da resposta, Teredal. A lua cheia ecoa o símbolo de nossa ordem. O Círculo Fanáticos é um símbolo de pureza, foco e reflexão. Delineamos sua forma em nossos corações quando fazemos o voto.*

Eu não sabia que era por causa da lua.

*Mesmo o menor dos arcos completa a maior das circunferências, e ainda há muito que você deve aprender. Por enquanto, basta que saiba que Saalok é sagrada para a ordem dos fanáticos. Desde antes do início dos tempos, os guardiões de Aiur constroem suas vidas em torno dos ensinamentos da lua.*

Ensinamentos? Mas... é só uma lua.

*Criança, você não sabe que a lua de Aiur é uma raridade entre as estrelas?*

Perdoe-me, Mestre. Como isso é possível? Os protoss estiveram em muitos mundos, viram muitas luas. Luas maiores, mais brilhantes, mais...

*A rareza nem sempre advém da abundância ou da escassez de algo, Teredal. Algumas vezes, a rareza é encontrada na completude. Na totalidade. Saalok é rara em sua perfeição. Quase uma esfera matematicamente perfeita, e jamais se viu algo semelhante em todo o cosmos. Não foi por coincidência que uma lua assim foi colocada no firmamento sobre nosso mundo. Não foi por coincidência que nosso povo se voltou para sua pureza em busca de conselho e iluminação nas eras mais sombrias.*

Você disse que foi colocada. Por quem?

*Há perguntas que não têm resposta e perguntas que serão respondidas na plenitude do tempo. Mas pureza, iluminação e ordem são frutos da inteligência, Teredal. A inteligência acalma o bramido bestial do caos. A inteligência canaliza o caos em harmonia.*

*Isso está no centro de tudo que consideramos sagrado e está no cerne de todas as suas lições — da concentração requerida para ativar sua lâmina psi ao pensamento cristalino que você incorporou a esta armadura consagrada.*

*Mas você não acha que chamei você aqui para falar sobre a lua, acha?*

Eu... Não, mestre. Acho que não. Eu esperava que fosse para a minha iniciação.

*Você se aproxima da resposta, Teredal. Venha, fique diante de mim. É hora de fazer os primeiros votos da ordem.*

...

Era uma emboscada, das mais sangrentas.

*Uma emboscada?,* rosnou Zeranek sob o brilho de suas lâminas. *Pensei que esses zergs fossem selvagens.*

A hidralisca guinchou, recuou e redobrou o ataque. As longas garras rasgavam com uma precisão feroz. O escudo do fanáticus tremeluziu ao conter a investida e se exauriu.

*Animais burros também pegam as presas de surpresa,* disparou Kehdana.

Ela deslizou diante da hidralisca, abaixou-se para evitar as garras e desenhou um arco brilhante com sua acha, uma curva mortífera de energia psiônica. A hidralisca caiu em pedaços.

A voz telepática de Kehdana mantinha-se firme em meio à batalha: *Concentrem-se, fanáticos. Estamos em menor número.*

O alerta chegou tarde demais para ZeraneK. Dois zergnídeos saltaram pela abertura que a hidralisca deixara e atiraram o soldado no chão. Seu grito psíquico foi um urro de fúria e dor; perder o equilíbrio perto daquelas feras significava a morte. Kehdana rodopiou até se tornar um borrão negro — a dança sombria dos Nerazim — e rasgou os zergnídeos e ZeraneK. O grito silenciou.

Teredal observou a misericórdia fria, assentindo ao se afastar da hidralisca morta aos seus pés. Com um salto, afundou as lâminas em outra criatura, que cometera a tolice de lhe dar as costas para dar cabo de um templário das trevas. A hidralisca sucumbiu, quase esmagando sua vítima, e Teredal teve que empurrar o zerg para fora do caminho. Ainda tremendo de dor, o Nerazim que sangrava — Kherenoss, lembrou-se Teredal — ergueu o braço para agradecer. Teredal tentou levantá-lo, e só então percebeu que suas pernas estavam separadas do corpo. Era tarde demais. O templário estremeceu uma última vez e ficou imóvel.

Envolto na cobertura temporária da camuflagem evanescente de Kherenoss, o calejado veterano examinou a batalha com seu único olho. Dos doze guerreiros que pousaram em Saalok durante o alvorecer, apenas três restavam. Tudo acontecera muito rápido.

Os tormentos caíram primeiro, aniquilados por uma torrente de espinhos de hidralisca. Os templários das trevas se moveram rapidamente para ajudar seus irmãos cibernéticos, saltando para interceptar a salva de espinhos seguinte com suas lâminas de transdobra. Era tarde demais para salvá-los — as formas aracnídeas prateadas já formavam ângulos tortos por

toda a areia —, mas sempre haveria tempo para se vingar dos assassinos zergs. Teredal viu que dois guerreiros camuflados ainda lutavam, vultos negros com riscas de sangue alienígena se movendo sobre a areia branca. Verdadeiros pesadelos em combate corpo a corpo, os templários das trevas eram temidos em todo o setor pela furtividade, uma vantagem inútil durante uma emboscada. Os zergs cercavam todos, vivos e mortos, prontos para subjugar-los.

Os fanáticos lançaram-se sem descanso ao combate, guerreiros cruéis cientes da desvantagem numérica. Um fanático não se escondia nas sombras, não atacava sem ser visto feito os Nerazim. Ele ia à frente, derramando o primeiro sangue. Fora assim em incontáveis batalhas, em incontáveis mundos. Os fanáticos no exílio de Teredal não eram diferentes: haviam avançado com as lâminas em punho, atropelando os zergs furiosos e laconicamente. Uma névoa súbita de sangue negro e membros decepados. A investida dos fanáticos contivera a emboscada, lutara contra os inimigos e quase alterara o resultado. Quase.

A segunda onda de zergs viera nas entranhas de um suserano, excretada para o chão com um jato de bile gosmenta. O contra-ataque foi impiedoso: rasgando, rastejando, deslizando sobre seus próprios mortos, varreram os fanáticos e submeteram-nos às suas garras. Todos caíram, soterrados por cadáveres de zergs convulsivos.

Todos, menos Teredal, o último dos seis fanáticos que desembarcaram, uma equipe de veteranos eleita pelo conselho por sua experiência com os zergs. Deveriam oferecer apoio: cada dupla acompanharia uma equipe de templários das trevas/tormentos durante o reconhecimento das fortalezas zergs ocultas nos arroios calcários de Saalok. Era para ter sido uma missão de infiltração, de marcação de fortificações prioritárias para ataques subsequentes. Não era para ter sido uma carnificina.

Teredal sacudiu a cabeça.

*E não teria sido se tivéssemos chegado em uma nave camuflada. Mas por que esconder suas naves de um inimigo desmiolado? Animais não conseguem rastrear inserções orbitais, não sabem diferenciar uma estrela de um ônibus espacial...*

Fracasso absoluto. Agora Teredal estava diante de um estouro de hidraliscas e zergnídeos com os dois templários — não, a *única* templária — das trevas ainda em vida: Kehdana. Cercada, ela repelia uma saraivada de garras falciformes num estonteante balé de lâminas, fogo psiônico e sangue. Teredal via que ela lutava com as últimas forças, então ele saltou de trás do corpo de Kherenoss na tentativa de desviar a atenção dos zergs para si.

Funcionou: três hidraliscas se viraram para persegui-lo. Dois zergnídeos as seguiram, com guinchos vorazes.

Teredal ouviu o silvo de espinhos de hidralisca e girou para evitar uma salva que cortou o ar. Durante o movimento, as garras de um zergnídeo desceram sobre ele, que usou a energia reluzente da arma em seu pulso para decepá-las com precisão arrogante.

Guiado pela fúria, alheio à dor, o zergnídeo saltou através da névoa feita do próprio sangue, determinado a comer, matar. A reação foi instintiva — uma que Teredal aprendera a disparar. Anos a fio combatendo aquelas bestas afiaram seus músculos com um reflexo de riposta. Com graça e precisão, o templário se abaixou e permitiu que a trajetória do monstro o levasse de cabeça direto para sua lâmina em riste. As duas metades do zergnídeo se contorceram na areia lunar pálida atrás dele.

Gritos de morte ecoavam na mente de Teredal, enquanto o tecido psíquico retumbava e estalava com as árias sinistras de seus companheiros fanáticos. Os pensamentos e paixões dos protoss se conectavam por meio do Khala, e Teredal sentiu as mortes de seu exilium com um pesar lancinante, frio.

*Fique abaixada, transmitiu ele. Fique abaixada e continue se movendo.*

*Eles têm dentes para todos os lados,* respondeu Kehdana com a voz mental carregada de esforço. *E são mui...*

Sua voz silenciou, e Teredal se virou para vê-la debaixo de um trio de zergnídeos. Mais espinhos cortaram o ar, e o templário protegeu o rosto com as luvas enquanto saltava. Sentiu um forte impacto na armadura, ouviu o guinchado estridente do metal ao cair. Levantando-se, Teredal viu outras duas hidraliscas ao seu alcance. Uma das criaturas sacudiu a cabeça, formando uma nuvem poeirenta e fantasmagórica em volta da carapaça espinhosa.

Teredal sabia que não aguentaria outro ataque, que o desaparecimento das vibrações no Khala significava que estava sozinho contra os zergs. Enquanto girava, acompanhando os monstros ao seu redor, deu uma rápida olhadela para baixo e viu que sua luva direita estava destruída; só uma lâmina psi ainda funcionava. As baterias do escudo estavam no fim. A líder das hidralisca sibilou e arqueou-se para trás, retraindo as coberturas dos atiradores de espinhos. Mais poeira caiu de seus ombros.

*A poeira — esses zergs estavam entocados.*

A descoberta moveu Teredal adiante. O templário deu três passos velozes e saltou na direção da hidralisca, encolhendo-se numa bola enquanto espinhos assoviavam embaixo dele. A fera, surpreendida pelo ataque, abaixou-se e deslizou para o lado. Teredal pousou e, em vez de se virar para confrontar a hidralisca, embainhou a lâmina e afundou-a no poço escuro atrás da criatura — sua toca. Era o único lugar em que ele podia escapar do fogo cruzado e forçar o inimigo a travar um combate corpo a corpo. Espaços confinados — onde um fanáticus era mais letal, com toda a certeza.

Teredal se agachou na escuridão. O túnel estava ocupado; os estalos secos de terra contra carapaça pararam abruptamente quando ele se virou. O ruído lhe era familiar: uma barata zerg, o frontispício escarafunchador do exército quitinoso. Teredal reacendeu a lâmina psi, tingindo a escuridão com luz azul. Agachada à sua frente, a uma perna de distância, a barata. Olhos frios e vazios. Inúmeras carreiras de dente. Mandíbulas serrilhadas se escancararam com fúria animal. Ocupando todo o túnel, a criatura alçou as garras grosseiras; seu silvo se tornou um rugido, arrancando pedras das paredes curvadas.

Teredal cravou a lâmina no olho central, inclinando-se para evitar as garras que se debatiam contra o chão do túnel em espasmos de morte. O rugido se tornou um suspiro borbulhante; a criatura estremeceu, depois ficou imóvel.

Mais sons vindo de trás: o ruído seco da hidralisca rastejando de volta para a toca de onde emergira. A cabeça e os ombros já despontavam na câmara. O templário das trevas girou, agarrou com a mão livre a ponta da couraça que a criatura usava no peito, arrastando-a para *dentro* do buraco, e golpeou sua cabeça contra a parede do túnel. Em seguida, arrancou a lâmina da barata e enterrou no pescoço da hidralisca, pregando o monstro no chão. O corpo colubrino pesado se chocou contra as paredes irregulares e levantou uma nuvem de poeira. Teredal girou a lâmina, separando a cabeça do corpo. As convulsões da hidralisca aumentaram, enchendo o túnel de areia e rocha, enquanto o fanáticus saltava para trás. Com a entrada destruída, Teredal extinguiu a lâmina, e a toca foi tomada pela escuridão.

Teredal ficou parado; talvez os zergs pensassem que morrera no desabamento. As espécies de zergs que vira na emboscada não eram criaturas extraordinariamente sensíveis — ou inteligentes — quando contavam só com os próprios sentidos. Para sobreviver, o fanáticus agora dependia de elas perderem o interesse, de que sua atenção se dispersasse. Atrito, gritos estridentes; um zergnídeo vociferou com um companheiro de matilha e, então, os sons diminuíram. Os zergs estavam indo embora. Teredal ficou de pé na escuridão.



*Agora era questão de — espere!*

Havia alguma coisa na superfície. Uma hidralisca. O fanáticus ouvia a cauda se arrastar pela rocha acima de sua cabeça.

*Uma ficou. Estranho. Zergs selvagens não deixam sentinelas para trás.*

A criatura se movia lentamente. Ela estava... *comendo*. Teredal sentiu a palavra trespassar sua mente como uma estaca. A hidralisca devorava guerreiros protoss, campeões de seu povo, nobres guardiões dos filhos perdidos de Aiur. Como fizera incontáveis vezes, Teredal domou a fúria fervilhante que ameaçava sobrepujá-lo. Como fizera incontáveis vezes, canalizou o sentimento numa raiva fria, pontual, uma lâmina dobrada na direção do dever.

Agachando-se, analisou a situação. Zergs só se alimentavam quando não podiam obter gosma, o bioterreno nutritivo que cobria a área em torno de uma colmeia. Logo, a base zerg estava distante, possivelmente a uma jornada de várias rotações. Era plausível que a emboscada tivesse sido orquestrada por um grupo isolado, que poderia ou voltar para a colmeia depois da vitória, ou continuar viajando, executando algum tipo de patrulha. De qualquer maneira, se ele ficasse quieto, a hidralisca remanescente sairia dali. Com apenas uma lâmina funcional e as baterias da armadura vazias, ele sabia que era a decisão mais segura. Talvez pudesse emergir do túnel depois que a criatura tivesse partido para tentar completar a missão. Era o mais sábio a se fazer.

*Mas seria inútil.*

A missão fora erguida sobre a concepção de uma população de zergs selvagens estúpidos vivendo em Saalok. Colmeias de animais — animais perigosos — que poderiam ser reconhecidas, mapeadas e depois varridas da lua pela frota estacionada em órbita extrassolar.

Era uma frota suntuosa, composta de transportes leves carregados de saqueadores prontos para dizimar colmeias. A força que pousaria em Saalok estava afiadíssima para lidar com uma infestação: saqueadores com escaravelhos explosivos, autômatos programados para se infiltrarem nas instalações e explodirem. Os saqueadores eram altamente eficientes contra forças terrestres, e a inteligência orbital havia confirmado que os zergs selvagens em Saalok eram quase todos terrestres: zergnídeos, hidraliscas e baratas. Os raros suseranos que pairavam sobre a turba mal representavam uma ameaça. Os saqueadores chegariam com suporte aéreo mínimo... e seriam feitos em pedaços por um adversário munido de uma tática sólida. Um adversário preparado para sua chegada e armado de mutaliscas, as bestas aladas que as colmeias de Saalok deviam estar gerando a todo vapor, agora que sabiam da presença protoss. Talvez uma armada já espreitasse oculta nas profundezas da geografia lunar acidentada. Era uma isca diabolicamente fácil, e a executora não percebera.

Teredal sentiu a ruína de seu povo cobri-lo como uma sombra, nuvens troantes assomando-se à distância. Mesmo uma força menor de mutaliscas estraçalharia um exército de saqueadores terrestres. A frota pousaria na próxima rotação lunar — o alvorecer, da posição de Teredal. Seria uma catástrofe.

*Ainda assim, nessas condições, não sirvo para nada.*

Na escuridão claustrofóbica do túnel, rodeado de zergs mortos, Teredal começou a remover a armadura danificada do braço direito. Acima, a criatura se banquetearia ruidosamente demais para ouvi-lo, e o ferimento o preocupava. Via que sua luva se convertera numa massa de metal retorcido. Não uma, mas *duas* farpas de hidralisca perfuraram a coluna de ligação de cerâmica que acompanhava seu antebraço. Era um milagre que ainda tivesse sensibilidade nos dedos. Teredal flexionou a mão, sentindo o sangue quente escorrer e pingar do cotovelo.

*Vou precisar de luz para isso.*

Teredal acendeu a ponta da lâmina psi que restava, segurando a luz azul acima do braço. Sim, a manopla barrou os espinhos monstruosos... mas cortou seu braço enquanto se retorcia com o impacto. O sangramento era mínimo, graças à pressão exercida pelos servomecanismos inteligentes na armadura, mas, ainda assim, o braço sangrava. Era preciso cuidar disso.

O fanáticus ergueu a lâmina, iluminando todo o túnel. Atrás dele, a passagem fazia uma curva sutil antes de terminar na silhueta esmagada da barata morta. À frente, um talude de pedras desmoronadas e a criatura que causara o deslizamento. A hidralisca decapitada jazia com meio corpo soterrado nas pedras derrubadas por seus próprios espasmos, coberta por uma camada de poeira esbranquiçada. Franzindo o cenho, Teredal foi sorrateiramente até lá e separou ainda mais a cabeça do corpo. O fluido negro jorrou em abundância, cobrindo o cascalho. Teredal afastou algumas das maiores rochas e, em silêncio, pôs-se a estripar o monstro. Seus tendões serviram como ataduras, conteriam o sangramento em seu braço. Anos antes, durante o Ataque da Erva Negra a Tepperus, salvara a vida de um pretor dessa maneira. Desta vez, a carniça zerg salvaria a sua vida.

Enquanto trabalhava, refletia sobre o que seus olhos viram durante a emboscada. Os zergs eram mesmo controlados por uma inteligência? Será mesmo que não era sua mente imaginando coisas? Era preciso admitir que seu grupo poderia ter sido emboscado por zergs descontrolados, porventura até destruído, em determinadas circunstâncias. Talvez estivesse confundindo má sorte com estratégia. Cinco fanáticus de Aiur, três tormentos e três templários das trevas, todos vencidos em questão de minutos por garras, espinhos e presas. Primeiro, fogo de barragem para derrubar os mais ágeis e bem equipados tormentos; depois, uma investida de zergnídeos para confinar os templários das trevas. E o suserano que permanecera fora de alcance, o transporte aéreo do exército zerg, não mais inteligente que um zergnídeo. Sua

presença, contudo, concedera uma consciência de bando e uma sensibilidade psíquica ao enxame. Má sorte?

*Não.*

Uma emboscada executada com perfeição demais para criaturas que deveriam viver num estado de selvageria.

*Eu sei como zergs selvagens agem. Tenho enxotado os malditos de nossos mundos desde que foram soltos. Esses aí se moviam em harmonia. Eles estavam sendo controlados.*

Não era novidade para Teredal. Ele já enfrentara zergs sob o comando de seu semideus biológico, a Supermente. Quando Kerrigan, a oportunista humana, assumiu o controle do Enxame, o templário teve que se adaptar a novas táticas alienígenas, e ainda se lembrava do gosto nauseante deixado pela mescla de estratégias terranas juvenis e velhos padrões zergs, como bolor sobre ossos fossilizados. Recentemente, Teredal havia se adaptado à loucura dos zergs privados de sua rainha bastarda — um caos de garras e ira famélica que reduzia os encontros anteriores a meros inconvenientes.

Teredal conhecia os zergs, sua maneira de lutar. Sabia de seus instintos, conhecia suas fraquezas. Lições aprendidas ao custo de incontáveis cicatrizes, um mapa de experiências entalhado em linhas irregulares sobre sua pele. Até mesmo o olho de Teredal, perdido na Invasão da Praça, fora o preço de uma lição sobre como matar o poderoso mammuthus. Na visão de Teredal, um preço justo para a sabedoria recebida — sabedoria e um enorme monstro esquartejado sobre os altares sagrados de Nelyth.

Essas lições duras foram o motivo pelo qual fora escolhido. A razão por que recebera ordens de escoltar Kehdana até uma área onde a executora presumia haver intensa atividade

zerg e proteger a templária das trevas durante a implantação os sinalizadores. O comando sabia que Teredal podia levar Kehdana até o centro de uma colmeia se fosse necessário. Teredal conhecia os zergs.

E também sabia que a executora estava errada. Os zergs estavam sendo controlados. Não sabia por quem ou pelo quê. Ainda não. A formação que as bestas assumiram na emboscada era diferente das manobras de Kerrigan, mas definitivamente familiar. Uma versão grosseira do controle da Supermente — a mesma organicidade, mas sem suavidade, sem a graça calejada que Teredal lembrava de batalhas anteriores.

*Será que geraram um novo cerebrado para tomar o lugar da rainha decaída?*

De qualquer maneira, isso lançava uma nuvem negra sobre os planos de retomada de Aiur. Teredal tinha que entrar em contato com a executora, impedir a invasão ao alvorecer. Era mais que uma simples missão. Os protoss já estavam fatalmente reduzidos a uma fração do brioso império que outrora se erguera entre as estrelas do setor Koprulu. Esta incursão seria sua última cartada, um dispendioso ataque com as últimas forças para tomar o que parecia ser uma fortaleza inimiga negligenciada.

Se Teredal não avisasse a frota, ela cairia direto nas mãos de um inimigo pronto para atacar com rapidez e ferocidade. Os protoss deviam recuar, reunir o conselho mais uma vez e ajustar suas táticas para um oponente *pensante*.

O problema é que ele não tinha como avisá-los. Teredal franziu o cenho, considerou gritar seus pensamentos no Khala o mais longe que pudesse. Mas sabia que de nada adiantaria. A frota estava deliberadamente distante. Deliberadamente além de seu alcance.

Essa missão era um ataque *silencioso*, um pedido dos Nerazim que não tinham acesso ao Khala para manter os zergs selvagens longe das poderosas ondas psíquicas de que os protoss necessitavam para se comunicar fora do planeta. Zergs, mesmo em estado bestial, pareciam extremamente habilidosos na captação de emissões psíquicas mais fortes. Teredal não sabia o porquê. Talvez o comprimento de onda protoss fosse semelhante às frequências da Supermente. Não era trabalho de um fanáticus decifrar enigmas que estariam melhores nas mãos dos templários supremos. Mas ele sabia que os zergs eram atraídos por emissões psi como insetos para a luz. Na verdade, havia teorias de que as criaturas eram *mais* sensíveis à energia psíquica porque lhes faltava disciplina ou competência biológica para desenvolver filtros mentais, essenciais numa sociedade inteligente que se comunicava telepaticamente — os jovens protoss aprendiam a atenuar o ruidoso tecido dos pensamentos cedo. Os zergs nunca precisaram disso.

Por isso, o transporte que levou sua equipe para Saalok ficou mudo, um veículo automatizado programado para entregar a carga e retornar à frota estacionada além do alcance psíquico. A frota provavelmente acabaria conhecendo os fatos; os scanners de vigilância visual a bordo das naus capitânicas seriam capazes de observar os resultados da emboscada, uma vez que este hemisfério da lua estava de frente para ela. Mas Teredal sabia que o ataque não interessaria à executora, ao menos não no sentido tático. O plano, claramente expresso antes da partida, seria prosseguir com a limpeza em Saalok a despeito do sucesso da equipe. Havia muito em jogo neste ataque para que uma investida frustrada forçasse um recuo. Se o exilium falhasse em sua missão e, por isso, os ataques subsequentes tivessem que ser menos eficientes, era assim que seria; os saqueadores simplesmente patrulhariam a face cavernosa de Saalok, em vez de almejar os sinalizadores que Kehdana e seus templários das trevas supostamente teriam plantado.

Teredal sacudiu a cabeça, tentando se livrar do desespero que ameaçava dominá-lo. Afastou-se dos tendões estirados no chão do túnel. Não havia nada que pudesse fazer.

*Nada.*

O fanáticus se recostou nas pedras frias que formavam a parede da passagem para pensar, tentando meditar ainda mais profundamente sobre o problema. Fora isso que permitira que ele vivesse tanto tempo, sobrevivesse a tantas batalhas em que outros sucumbiram diante do medo e da indecisão.

*Criança, você não sabe que a lua de Aiur é uma raridade entre as estrelas?*

A voz do mestre ecoava em sua cabeça, não como uma mera lembrança, mas como os resquícios vibrantes de uma alma urdida no Khala. Um saber que permeava a trama do universo. Teredal estava longe demais de seus irmãos para se comunicar diretamente, mas sentia suas essências — de vivos e mortos — mesmo a anos-luz de distância. Ele ouvia suas vozes, sentia-as ecoando em seus ossos. Sua resposta foi tanto uma prece quanto um apelo, sussurrada para si mesmo e para a ressonância do mestre que ainda existia em si.

*Mestre, vejo a ruína de nosso povo, o início do fim. Minhas armas estão danificadas e eu estou sozinho. O que um único fanáticus velho pode fazer contra as colmeias de Saalok?*

Concluindo que o mestre o castigaria por esperar sentado, Teredal se curvou e começou a atar o braço ensanguentado com os tendões. O tecido espesso e úmido aderiu à pele, causando ardor nos pontos em que tocava na ferida aberta. Puxou a atadura com força, resistindo à dor que irradiava do ombro. A dor era boa; ela o manteria concentrado. Assim que terminou o curativo, Teredal flexionou a mão para se certificar de que ainda tinha todos os movimentos. O sangramento havia cessado.

O fanáticus olhou para baixo e, sob a luz instável da lâmina psi, percebeu que ainda havia tiras de tendão no chão. O tecido das hidraliscas era muito forte, praticamente

impenetrável, mas flexível como couro. A temível adaptabilidade dos zergs punha sua carne e seus ossos em pé de igualdade com qualquer blindagem ou arma forjada por humanos ou protoss. Teredal flexionou a mão uma vez mais e fitou as longas garras de hidralisca, largadas sobre a poeira manchada de sangue.

*Você se aproxima da resposta, Teredal.*

...

A hidralisca estava quase empanturrada quando soltou o membro que mastigava, sentindo o chão às suas costas ceder. Algo emergia das tocas subterrâneas, algo que se movia com velocidade.

Torcendo o corpo e guinchando, a criatura foi de encontro ao arco luminoso da lâmina do fanáticus. *Dor!* A arma cortou o ombro da hidralisca, dilacerando carne e ossos. As poderosas mandíbulas agarraram o pulso de Teredal, ainda protegido pela armadura, arrancando ganidos do metal com seus dentes afiados. O outro braço do fanáticus não tinha lâmina psi e recendia a sangue. *Presa!* Acossado e impotente. Enquanto erguia as longas garras para o ataque, a hidralisca salivava de expectativa. Aquela carne se desmancharia entre suas presas.

O fanáticus olhou para cima e enviou *sons* para a mente da hidralisca. Sons-palavras encharcadas de um ódio ancestral, primevo e transparente.

*Sua refeição acabou, monstro. É hora de sentir o gosto de seu próprio sangue.*

Girando o outro braço, o fanáticus cravou outro par de garras serrilhadas direto na boca da hidralisca.



...

Sob a luz fria do amanhecer, Teredal terminou de limpar o sangue das garras amarradas ao pulso. Era um movimento carregado de significado ritual de um passado distante de seu povo, anterior à civilização. Anterior à tecnologia que permitia a canalização de pensamentos em lâminas de pura energia. A ação simples trazia clareza e paz. A paz, concentração.

*Use sua concentração.*

O fanáticus se agachou e, com o dedo, marcou três pontos na areia: os três braços da frota protoss que esperavam pelo sinal do exilium derrotado, um sinal que jamais chegaria. Sob os pontos, riscou uma linha reta. Em seguida, outra. Duas linhas — faltavam um dia e uma noite de Saalok para o ataque fadado à ruína. A rotação de Saalok era curta; a lua não estava sincronizada com Aiur, e sua revolução completa durava metade de um dia no mundo de onde Teredal viera. Não havia muito tempo.

Depois, Teredal desenhava seis barras ao redor das marcas. Os seis sinalizadores. Constructos cristalinos carregados por cada fanáticus da equipe, ferramentas projetadas por habilidosas mãos Nerazim para fornecer-lhes sinalização usando energia psíquica. Teriam levado a frota para as colmeias mais importantes com precisão cirúrgica. Agora, estavam esparramados na areia pálida à sua volta, cobertos de sangue.

As ordens de Teredal eram de auxiliar os templários das trevas a plantar os sinalizadores. Depois, escoltaria os Nerazim para longe dos enxames zergs que seriam atraídos pelo sinal, até pontos de concentração já definidos, de onde coordenariam a ação dos saqueadores. O exilium seria resgatado depois que a lua estivesse livre de zergs; a extração era de baixíssima prioridade para a executora. O principal objetivo da missão era dar à frota uma

posição de vantagem na órbita lunar de Aiur — uma posição de onde poderiam iniciar a retomada do mundo protoss.

Caso a missão fracassasse, os membros sobreviventes deveriam se reunir no ponto de concentração mais próximo. Teredal esfregou as costas da mão na cicatriz que ocupava o lugar do olho esquerdo; um incômodo sempre surgia quando ficava muito tempo parado. Talvez pudesse chegar a um sinalizador e emitir um sinal para a frota. Talvez a executora entendesse a mensagem como um pedido de ajuda e enviasse um transporte. Não, era muito arriscado, o ruído psíquico atrairia mais zergs. Além disso, quando alcançasse um ponto de concentração, o ataque já teria iniciado. As naus capitânicas já teriam revelado sua posição, dispostas vulneravelmente em torno de um inimigo pensante.

Era... desesperador. Quando o sol se erguesse, amanhã, o último braço do exército protoss seria extinto. Teredal cedeu ao impulso e desenhou um círculo em volta das seis barras. O Círculo Fanático, símbolo de sua ordem. O círculo perfeito de Saalok. Um símbolo de pureza, foco e reflexão.

Subitamente, tudo ficou claro. Uma forma de enviar a mensagem à frota. Era um plano simples, mas sobre ele pairava a morte certa. A determinação de Teredal vacilou, e a lâmina psi se acendeu, compreensiva.

Ele usaria os sinalizadores para criar um círculo perfeito, orientando-se pelas ferramentas de navegação na armadura. Quando todos os cristais gritassem para os céus, o canto psíquico atrairia os zergs para o epicentro. Era o esperado. Vendo tudo de cima, a executora perceberia o movimento e imaginaria que tudo estivesse indo conforme o planejado.

E era aí que Teredal dependeria da inteligência de seu povo: era preciso que a frota percebesse a estranheza na disposição simétrica dos sinalizadores, incomum para formações

zergs. Pelo menos para os selvagens. Mas não seria isso o que convenceria a executora da inesperada consciência dos zergs, não completamente. A lâmina de Teredal irrompeu novamente, banhando seu rosto no bruxuleio azulado.

A executora se convenceria quando observasse os zergs *prevendo* o padrão, quando se movessem para interceptar o último sinalizador, demonstrando ter a competência cognitiva necessária para ler a trajetória e calcular o local do disparo seguinte. Seria aí que Teredal provavelmente morreria, dilacerado em uma emboscada que criara para si mesmo.

Era... diferente das ordens que recebera. Esse curso de ação ia contra tudo o que significava ser um fanáticus, uma tentativa audaciosa de interferir em manobras táticas muito além de sua alçada. Na areia, Teredal passou o dedo pelo círculo, o Círculo Fanáticus.

*Não foi por coincidência que nosso povo se voltou para sua pureza em busca de aconselhamento e iluminação nas eras mais sombrias.*

Teredal coletou os sinalizadores junto aos corpos dos irmãos caídos. Os orbes cristalinos eram pesados, do tamanho de seu punho, criados com peculiar habilidade. O fanáticus ergueu cada constructo correu o dedo por suas ranhuras de acesso, e todos responderam com um caloroso brilho azul, sinal de que estavam operacionais.

*Mesmo o menor dos arcos completa a maior das circunferências.*

Palavras que seu mestre repetia com frequência, cujo significado Teredal só agora compreendia. Para que funcionasse, ele precisaria de sorte. De volta ao desenho na areia, onde tivera sua epifania, Teredal examinou o próprio estado. O braço ainda doía, mas o latejamento não seria uma grande distração; estava habituado à dor. A emboscada havia drenado parte de suas energias, mas isso também não era novidade. Outra bênção: suas pernas estavam intactas.

Precisaria delas naquele dia. Teredal sempre fora um grande corredor, e esta seria sua corrida mais importante. Provavelmente, sua última.

Girou o braço, testando o comprimento das novas garras. Eram mais desajeitadas que a lâmina psi e, sem a manopla, mais vulneráveis. Mas eram afiadíssimas. Estraçalhar a última hidralisca fora uma enorme satisfação, o gume serrilhado retalhando a carne alienígena com uma facilidade incestuosa.

Como trazia seis sinalizadores, seus movimentos agora estavam restringidos. Eles estavam presos magneticamente ao cinto blindado. O peso o deixaria desajeitado e afetaria sua velocidade, mas só a princípio. Conforme progredisse, o fardo diminuiria, e o perigo aumentaria cada vez mais.

O sol já iluminava quase todo o horizonte. O tempo urgia. Agachado, Teredal limpou as marcas na areia e posicionou o primeiro sinalizador. Assim que tocou a ranhura ativadora, sensores ocultos analisaram sua pele e aquiesceram. O orbe começou a emitir uma luz vermelha, e pulsos suaves indicavam que o sinal seria disparado após cento e um ciclos. Teredal se levantou, preparado para correr.

As rochas ao lado roncaram. Ele girou o corpo e ativou a lâmina. Nada além dos corpos de seus companheiros, soterrados por zergs mortos. Restariam monstros vivos? Quase foi investigar...

*Não há tempo. O sinalizador está armado.*

Teredal correu. A distância até o ponto onde armaria o próximo sinalizador era um pequeno trecho do trajeto, mas queria estar o mais longe possível quando o primeiro sinalizador disparasse. Ele seria ouvido por todos os zergs na lua, e o fanáticus sabia que um

sinal disparado por um inimigo presumidamente morto atrairia monstros de todas as direções. Por sorte, naquela parte do percurso, passaria por uma estreita senda, o que evitaria confrontos com zergs curiosos. Assim esperava.

A areia sibilava sob seus pés velozes, e Teredal manteve o ritmo enquanto corria pela face branca de Saalok. Aiur galgava o horizonte a leste, mais belo do que ele teria imaginado. De onde estava, as tonalidades verdes e castanhas e azuis que delineavam os continentes e oceanos de seu planeta natal pareciam intocadas, incorruptas. Largas faixas de nuvens se estendiam pelos polos, e Teredal sentiu uma saudade de Aiur que não diminuiria com os anos.

Então o sinalizador disparou.

O Khala foi tomado por um grito, um rugido, um terrível furacão psiônico. A templária das trevas o advertira sobre a onda de choque que se seguiria à implantação de cada sinalizador. Kehdana o aconselhara a se deslocar até uma distância segura, ajoelhar-se e erguer uma barreira mental antes do disparo; o sinal tinha o duplo propósito de enviar uma mensagem para o espaço e criar uma intensa agitação no tecido psíquico local, capaz de atrair todos os zergs selvagens de Saalok. Teredal estava preparado para um alto grau de desorientação, mas não esperava tamanho furor. Ele cambaleou e atirou-se na areia. Por um momento, sentiu-se incapaz de ver ou respirar, a alma inteira lutando contra o caos enlouquecedor em que se transformara o Khala. Então, rápido como surgiu, o sinal desapareceu.

*Se isso não atrair o Enxame, não sei o que mais pode atrair.*

Voltando-se para as estrelas que iluminavam o céu, Teredal clamou por seu povo, uma voz perdida na tempestade.

*Vejam esse sinal, irmãos. E os próximos que virão.*

E então Teredal se levantou e correu. Limpou o sangue que cobria seu olho e sacudiu a cabeça.

*Corra.*

A areia espessa lentamente deu lugar a uma pavimentação sólida, de cascalho e pedras. Manter a velocidade era mais fácil, mas o som dos pés contra o solo rígido aumentava o risco de alertar os zergs. Teria que tomar mais cuidado ao apertar o passo pelo estreito arroio calcário.

Enquanto contava os passos, o fanáticus organizou as preocupações que cruzavam sua mente. Algumas estavam ao seu alcance; outras, muito além de seu controle.

Primeiro, havia uma preocupação de que os zergs identificassem o padrão antes da hora. Se previssem a trajetória de Teredal antes que os sinalizadores fossem ativados, talvez os protoss não conseguissem interpretar a mensagem. Era preciso armá-los rápido. Ele teria que manter o ritmo e completar o círculo antes do próximo nascer do sol.

Segundo, a distância entre os sinalizadores deveria ser suficiente para que suas posições fossem legíveis para a frota. Ele já calculara as coordenadas, os vetores das trajetórias entre os pontos onde seriam ativados — coisas naturais para a mente treinada de um fanáticus. Porém, conhecer o caminho e ser capaz de percorrê-lo a toda velocidade eram duas coisas muito diferentes. Os sinalizadores teriam que ser ativados segundo a rotação de Saalok. Se Teredal simplesmente percorresse a circunferência do círculo ativando os sinalizadores pelo caminho, este hemisfério da lua sairia do ângulo de visão da frota antes que terminasse o percurso, pois a segunda metade do círculo se curvaria novamente na direção do ponto original. Ele teria que posicionar os cinco marcadores restantes em ambos os lados a partir da origem, deslocando-se diagonalmente para pontos cada vez mais distantes a fim de garantir que o círculo se iniciasse e

terminasse no campo de visão da frota. Isso significava que precisaria percorrer uma distância muito maior que o comprimento do perímetro. Seria um desafio mesmo para um fanático. Um dia e uma noite sem tempo para descansar. Teredal não era mais um jovem recruta. Era um veterano que já combatera naquela manhã. Tinha que se conformar com o fato de que a própria corrida poderia arrasar um de seus corações.

Por fim, havia uma chance de que a mente — ou mentes — controlando os zergs percebesse o estratagema e não agisse de acordo, ou respondesse com uma aleatoriedade apenas aparente. Isso arruinaria seu plano. Teredal sacudiu a cabeça, afastando o pensamento. Era paranoico e, no fim das contas, inútil. Se os zergs fossem capazes de simular um comportamento selvagem, por que não o teriam feito quando ele e sua equipe pousaram?

Por ora, só restava correr.

...

O segundo e o terceiro sinalizador foram ativados sem maiores problemas e sem interferência dos zergs. O inimigo não fora capaz de prever o padrão.

*Pelo menos por enquanto. Com três pontos, tudo o que veem é um triângulo. O quarto revelará o padrão, tornando o quinto e o sexto mais previsíveis.*

Teredal saltou uma rocha em seu caminho, caiu com um rolamento e, sem perder o ritmo, logo se levantou e voltou a correr. Agora restavam três sinalizadores presos ao seu cinto,

e menos peso significava que podia se dar ao luxo de correr mais depressa e realizar manobras mais ágeis para não ter que desviar de obstáculos. Desde a manhã até o meio do dia, fizera apenas duas paradas, para ativar o segundo e o terceiro sinalizadores. Depois do primeiro, no ponto mais a oeste do círculo, seguira para o ponto a noroeste, depois para o sudoeste. A próxima corrida seria a mais longa, entre os sinalizadores sudoeste e nordeste — o diâmetro completo do círculo. Se conseguisse manter o passo, chegaria ao quarto no fim da tarde.

Teredal aprendera a ativar os sinalizadores e acompanhar a contagem enquanto corria, parando por alguns segundos para se proteger do pior da explosão. Era uma pena que tivesse que interromper a corrida, mas, depois de ter sido derrubado pelo primeiro estouro psiônico, o risco de cair e se ferir parecia muito pior que um pequeno atraso.

O fanáticus corria sob a luz do sol límpida e forte coada pela atmosfera fina de Saalok. O calor em sua pele o revigorava, raios da estrela que alimentara Aiur e seu povo por longas eras. Os protoss eram criaturas do dia, criaturas que usavam sua inteligência e sua velocidade para caçar nas planícies e selvas de Aiur muito antes de a língua e a civilização despontarem. Correr sob o sol intenso do verão: esse era o verdadeiro significado de ser um protoss.

Mesmo sem encontrar nenhum zerg, Teredal mantinha-se encoberto pelas dunas e pedregulhos sempre que possível. Houve um momento em que ele pensou ter avistado um suserano, mas manteve-se abaixado até que o monstro sumisse de vista. Teredal observou que o suserano parecia se mover mais ou menos na direção do último sinalizador.

Com o sol se pondo por sobre o ombro direito, Teredal sentiu um vínculo intangível ligá-lo através do tempo aos seus ancestrais. Sua missão era clara, e sua morte, certa, mas o fanáticus sentia uma estranha paz, em consonância seus passos firmes. Enquanto corria, abaixou a cabeça e desenhou um círculo no peito.



De acordo com seus cálculos, o ponto onde implantaria o quarto sinalizador estava logo à frente. Reduzindo o passo, ele se aproximou.

*É aqui que os três pontos se tornam quatro, onde o triângulo começa a se converter em círculo. Cada passo a partir deste lugar será obscurecido pela morte.*

O sol quase desaparecera atrás da cordilheira ao seu lado. Teredal esticou os braços à luz do ocaso, despedindo-se do disco dourado venerado por seu povo em um passado esquecido. O restante do percurso seria na escuridão, sem o amparo cálido e abundante com o qual pudera contar durante o dia. Seu peito já doía, e o braço ferido tremia quando ele se ajoelhou para depositar o sinalizador na areia. Teredal tentou ignorar suas preocupações. Não havia tempo para descansar. Ao alvorecer, a frota estaria ali. O fanáticus ativou o sinalizador e correu para a sombra crescente.

...

Mesmo frio e traiçoeiro, o manto da noite se provou de grande ajuda. Teredal mal tinha chegado à metade do caminho até a quarta parada quando quase colidiu com duas hidraliscas.

*Duas!*

Seus reflexos afiadíssimos o detiveram quando gemidos graves, profundos, começaram a ecoar nos paredões rochosos ao lado. Escondendo-se atrás de uma saliência, Teredal tentou acalmar as pernas bambas.

Na maior parte do percurso, acompanhara uma sequência de cânions, abandonando a segurança do abrigo só quando se afastava demais do seu destino. Porém, logo as passagens escassearam, forçando Teredal a seguir junto a um penhasco. Embora fosse melhor correr ali que em campo aberto, ele sentiu-se exposto e tentou manter os olhos atentos, à procura de rochas, fendas e saliências que servissem de cobertura. Era um hábito desgastante desenvolvido durante o cerco a Torenis Prime, que exigia da mente e dos reflexos um estado de alerta constante quando tudo o que queriam era se entregar, reduzir o ritmo da corrida. Aquele hábito salvara sua vida.

Logo acima, os mammutus se preparavam para descer o penhasco — um deslizamento tornara-o menos íngreme, facilitando o acesso das criaturas monstruosas. Em alguma parte da mente de Teredal, os gritos que ecoavam na rocha foram reconhecidos. Seus instintos o guiaram para baixo da saliência antes que pudesse perceber. As imensas criaturas atravessaram a plataforma logo acima dele, e suas patas grossas como pilares provocaram tremores no penhasco, lançando cascatas de rocha e areia para o chão. Teredal conteve o impulso de ativar a lâmina e atacar. Ação, sangue, alguma coisa com que descontar a dor de um dia e uma noite de corrida incessante. Mas sabia que a luta custaria energia e tempo dos quais não dispunha.

*Guarde para os sinalizadores. Logo haverá sangue.*

Enquanto esperava a passagem das feras, o fanáticus tentou acalmar seus corações. A dor aumentara durante a noite. Flexionando o braço direito, reforçou a atadura que mantinha as garras no lugar. Sangue escorria pelas lâminas, ainda úmidas; Teredal se perguntava se algum tipo de infecção zerg impedia que o ferimento se curasse. Os éditos de sua ordem proibiam o uso de tecidos e armamento alienígenas por essa razão, mas ele suspeitava que a profanação da carne e das armas protoss tinham menos importância que sua missão suicida. Tudo estaria acabado antes que o pequeno sangramento se tornasse um problema.

*Chega de descanso. Os mammuthus se foram. Hora de se mexer.*

Arrastando-se por baixo da saliência, o fanáticus esquadrinhou o topo do penhasco em busca de movimento. Nada. Era estranho ver mammuthus patrulhando daquele jeito; as imensas criaturas eram mais comuns em meio ao calor da batalha, onde havia a certeza de sangue.

*A menos que não estejam patrulhando. A menos que tenham sido enviados para interceptar um exilium protoss numa trajetória improvável.*

Teredal assentiu. Era mais uma evidência de que os zergs realmente estavam sob o controle de uma entidade consciente e capaz de elaborar táticas. Não uma prova irrefutável, mas outra peça do quebra-cabeças. Tornou a correr; apertou o passo. Sabia que, com o próximo sinalizador, tudo se esclareceria.

Aconteceu mais cedo do que imaginava.

A colmeia estava bem no seu caminho. Teredal se esquivou de mais duas patrulhas: um grupo de hidraliscas e outro mammuthus. Dessa vez, ambas estavam acompanhadas de suseranos, ele identificou em seus movimentos um óbvio padrão de busca. Os suseranos brilhavam, cobertos do que o protoss reconheceu como fluido embrionário zerg — evidência de que eram criações recentes, geradas em uma colmeia próxima. E não deu outra: enquanto avançava cautelosamente, o clique inconfundível das mandíbulas dos zangões permeava o ar. Amaldiçoando o atraso, Teredal rodeou os sons, mantendo o máximo de distância. O percurso já tomava mais tempo que o planejado. Seria uma corrida contra o amanhecer.

Havia um buraco entre os cânions. Não era grande — só uns cinquenta passos — e Teredal não conseguia pensar num meio de contornar a abertura sem ser obrigado a recuar. Ele teria que correr.

O fanáticus agachou-se e cerrou os punhos, reunindo forças para uma explosão de velocidade. Tracejou um círculo no peito e saltou das sombras para a luz das estrelas.

*Dez passos... Vinte... Trinta... Quase lá...*

Teve um vislumbre da colmeia zerg à esquerda, e o que viu fez com que parasse abruptamente. Duas torres imensas, esguias, encimadas por minaretes bulbosos. Elas brilhavam sob as estrelas, pulsando com um movimento vascular. Diante de seu olhar, as torres cresceram. Lentamente, com uma palpitação sutil, elas cresceram.

Pináculos. As estruturas-órgãos zergs que, quando maduras, forneciam as enzimas e material genético necessários para a geração das criaturas aladas que compunham o grosso da frota zerg. Aqueles eram pináculos novos, uma óbvia reação às ações recentes de Teredal em Saalok. Os zergs sabiam que algo estava para acontecer e que sua estratégia de selvageria simulada fora revelada. Teredal previu que em um dia haveria o princípio de uma nova frota zerg, e uma força de tamanho considerável pouco tempo depois; a geração ágil de unidades militares era a especialidade dos monstros. Os protoss se deparariam com uma lua repleta de criaturas ferozes, pensantes, capazes de dizimá-los antes que pousassem em Aiur.

Um mammothus urrou na colmeia, e Teredal se deu conta de que estava em campo aberto. Virou-se e desapareceu no cânion. O incômodo no peito se transformara numa dor lancinante.

*Mais rápido.*

...

Os zergs esperavam por ele no ponto reservado para o quinto sinalizador. Teredal podia ouvi-los ao longe, no vale tomado pela escuridão. Mesmo que o quarto não apontasse necessariamente para um quinto, aquele era um dos dois ou três locais que fariam sentido, caso os anteriores formassem mesmo um padrão. Teredal imaginava que grupos semelhantes também estariam aguardando de prontidão em outros possíveis destinos; era o que um bom estrategista faria. Quando o quinto sinalizador fosse posicionado, contudo, não haveria mais dúvidas quanto ao arranjo. O local do sexto seria óbvio, e todas as garras e presas de Saalok recairiam sobre ele.

*Uma coisa de cada vez. O quinto sinalizador precisa ser ativado primeiro, e este vale está ocupado.*

Teredal desceu do pico voltado para o vale onde jazia seu objetivo com uma mão sobre o peito. Era preciso agir depressa, mas ele sabia que não tinha energia para confrontar a patrulha reunida lá embaixo: um mammuthus, seis hidraliscas e um suserano. Combate corpo a corpo, ataque de longo alcance e uma força coordenadora que mantinha os zergs sob controle. A composição da patrulha, contudo, oferecia-lhe um certo consolo; a força por trás daqueles zergs não fazia ideia do tipo de inimigo que disparava os sinais. A patrulha fora criada para lidar com uma gama de possibilidades hipotéticas. Teredal teria rido se lhe restassem energias.

*Será que imaginaram também um velho soldado ferido com armas improvisadas?*

O fanáticus ergueu o braço em que prendera garra, examinando a lâmina serrilhada com um olhar crítico. Ainda afiada, ainda letal. No fundo do vale, a patrulha de bestas subia novamente o cânion, na direção do ponto que ele almejava. O suserano pairava acima, as bexigas contraindo-se para expelir o gás que o propelia.

Os zergs haviam privado seu povo de seu mundo natal com uma ferocidade que sobrepujara a sabedoria protoss.

*É hora dos protoss pagarem com a mesma ferocidade.*

Teredal ativou o sinalizador e saltou para a escuridão. Guiado pelos sons vindos de baixo, movido por uma fúria que fora aprisionada por tempo demais, em meio à dor e ao cansaço, avançou e saltou.

Ele caiu nas costas de um suserano, que, em estado de choque, atirou-se para a frente. Cravando as garras na bexiga muscular lateral, Teredal recebeu um jato de ar quente e úmido, seguido de um grito psíquico que por pouco não rachou seu crânio. O protoss teve que se agarrar à criatura, que tremeu e começou a afundar rumo ao solo. As hidraliscas sibilaram — Teredal sabia que o suserano as convocava. Criaturas selvagens clamariam por ajuda; criaturas inteligentes ordenariam um ataque. O fanáticus escalou agilmente o suserano ferido, protegendo-se da saraivada de espinhos que atingiu o ponto onde estivera segundos antes.

*Se eu tinha dúvidas, elas se foram.*

Sua montaria mergulhava rumo ao chão, enquanto o gás escapava dos vários cortes com um silvo. O mammothus investiu, tentando interceptar o suserano comprometido no instante em que tocasse o chão. Teredal não pretendia estar lá. Guiando-se pelas pesadas

passadas do monstro, ele reuniu forças e saltou novamente, acendendo a lâmina psi como uma tocha no cânion tenebroso. Ia precisar de luz.

Brilhando como uma estrela cadente, Teredal arremeteu para o céu noturno e pousou violentamente na carapaça grossa que recobria os ombros do mammothus. Mais uma vez, as garras firmaram-se no monstro. Teredal sentiu uma dor profunda no lado do corpo.

*Costelas... quebradas. Preciso chegar ao... pescoço...*

O conhecimento que Teredal possuía sobre o mammothus, obtido a duras penas, era reconhecido até mesmo entre seus irmãos, que o viram abater feras imensas com as próprias mãos. Mas todas as suas vitórias tiveram um preço e jamais foram obtidas depois de uma corrida extenuante como fora a sua ou de um ferimento tão sério quanto o que trazia. O veterano ferido segurou-se com força às costas do monstro, que se debatia furiosamente, seu rugido iracundo ecoando nas paredes de pedra. Lenta e deliberadamente, Teredal chegou ao pescoço.

*Exatamente... igual... à praça em Nelyth...*

Com um corte da lâmina flamejante, abriu a placa protetora no pescoço do monstro e enterrou as garras bem fundo na carne exposta. O mammothus urrou e se debateu pela última vez, desestabilizando Teredal, lançando-o aos ares.

O fanáticus rolou para amortecer o pouso, deslizando por uma faixa de areia. Enquanto apoiava-se nos joelhos, as hidraliscas formaram um círculo à sua volta, sibilando com voracidade. O mammothus se adiantou, linfa escorrendo sobre a placa peitoral. Estava ferido, mas ainda não morreria. Em desvantagem numérica, Teredal sangrava, exaurido de energia. Apagou a lâmina e ajoelhou-se diante da fera. As hidraliscas se aproximaram.

*Quatro. Três. Dois. Um.*

O sinalizador explodiu num surto de energia psíquica, abrindo o crânio do mammothus. Uma onda incandescente azul e violeta emanou da ferida no ponto em que Teredal plantara o dispositivo, varrendo o vale inteiro com seu fogo frio. As hidraliscas gritaram e se contorceram, afogando-se no próprio sangue, atirando espinhos enquanto sucumbiam e perfurando umas às outras numa agonia cega. As paredes do cânion estremeceram com a ressonância metafísica, com a potência do estouro no tecido que atava seus átomos. O escudo de Teredal, completamente recarregado, tremeluziu uma, duas vezes, rebatendo a tempestade de energia e, por fim, se foi. De joelhos, o fanáticus concentrava todas as forças que lhe restavam nas defesas psíquicas que aprendera na tenra infância. Eram tudo o que tinha. O sinalizador deveria estremecer toda a superfície do planeta; àquela distância, havia pouca esperança para o protoss.

*Pouca esperança...*

*Isso significa que existe esperança.*

*Você se aproxima da resposta, Teredal.*

O fanáticus cambaleou para as sombras e ficou imóvel.

...



Luz. Uma branquidão fluida, vacilante. Teredal piscou, sem ver nada além de fachos de luz imprimindo rastros radiantes em sua visão.

*Isso é lindo. Será o Khala? Será que eu...?*

Não. Havia luz, mas não som de vozes. Silêncio. A tradição afirmava que, após a morte, o Khala seria um coro eterno de mentes entrelaçadas em harmonia e felicidade. Mas... o fanático só sentia *dor*. Teredal esfregou as costas da mão na cicatriz do olho; ela começava a doer.

*Quanto tempo fiquei deitado aqui?*

Teredal rolou.

*E a luz?*

Estrelas. Estrelas cadentes. Saalok atravessava uma chuva de meteoros, iluminando as paredes do cânion com uma textura líquida e pálida. A claridade o despertara, e Teredal agora sentia toda a agonia de seu corpo alquebrado. Duas costelas partiram-se em diversos pontos; o braço, tomado pela infecção, latejava ardentemente, e em seu crânio ainda ecoava o estouro e o alarido do sinalizador.

*Mas meu coração não dói mais. E essas sombras significam que a alvorada ainda não veio.*

Teredal estremeceu e virou-se. Passou a mão sobre o último sinalizador, ainda preso à cintura.

*Mesmo o menor dos arcos completa a maior das circunferências.*

*De pé, fanáticus.*

O fanáticus projetou o corpo, gemendo de dor enquanto se levantava. Cambaleando, tombou novamente sobre a massa mole e disforme esparramada sobre o ponto em que o suserano havia caído. A areia era úmida e fria. Teredal reuniu suas forças e ficou de pé, encostando-se na carniça por um instante e, em seguida, afastando-se. A chuva de meteoros diminuía no céu, os últimos riscos flamejantes desapareciam no horizonte que lentamente se iluminava.

*Agora corra, fanáticus. Corra por Aiur.*

E Teredal correu. Depois de alguns passos, tropeçou na areia. O fanáticus se ergueu e continuou correndo. Aquele trecho final do percurso era pouco maior que a metade do anterior, mas seus corações já doíam. E não conseguia se livrar do borrão na vista.

*Corra.*

As sombras começavam a deslizar para longe da base do penhasco. Teredal dizia a si mesmo que corresse ainda mais depressa, e suas pernas atingiram o ritmo constante e atemporal que distinguia os fanáticus. A areia se tornou cascalho, que se tornou rocha e, por fim, areia outra vez.

*Mais rápido.*

Correu mais depressa. A dor diminuiu, e Teredal logo soube de que era o sabor entorpecente da morte se aproximando.

*Mais rápido.*

Seus passos se chocavam pesadamente contra a areia. Eles ecoavam nas paredes rochosas. Ecoavam e aumentavam, ampliando-se em britadeiras, preenchendo o ambiente de ruídos. Mammuthus. Gritos estridentes cortaram o ar. Zergs o perseguiram, bestas famintas caçando a criatura que lhes escapara por tanto tempo. Agora seu caminho era conhecido, sua cobertura fora revelada por um céu cada vez mais iluminado.

*Mais rápido.*

Rochas rolavam das paredes de ambos os lados do cânion. Zergnídeos corriam paralelamente ao curso de Teredal, tentando encontrar uma forma de descer para atacá-lo. O alarido às suas costas aumentava. Divisou uma coroa de luz no cume das montanhas. A manhã se aproximava.

O fanáticus conseguiu atravessar o cânion, saindo por uma trilha pavimentada com cascalho. Seu destino estava logo adiante: uma antiga cratera, uma marca circular na face de Saalok visível até mesmo de Aiur. Não haveria mais cobertura. Nada de se esconder. Só correr.

O ruído aumentava. Teredal ouviu garras se chocarem rapidamente contra a pedra, zergnídeos em disparada. As criaturas eram rápidas.

*Mas não como os fanáticus.*

*Mais rápido.*

Em um último esforço, contando com reservas de energia que sequer conhecia, Teredal explodiu em velocidade. A cratera aumentava logo à frente, e ele puxou o sinalizador preso ao cinto.

*A emboscada está lá. Se eu conseguir ativar o sinalizador antes...*

Um mammothus despontou da cratera. Em seguida, mais um. Era a mesma patrulha que ele vira durante a noite. As criaturas bateram as garras e desembestaram em sua direção. O chão tremia. Atrás das criaturas, o sol se levantava. A manhã chegara. Teredal ativou a lâmina e correu.

*Por Aiur!*

O brado de Teredal ecoou no Khala, poderoso, límpido, inabalado. E foi respondido. Vozes ecoaram seu grito com tanta fúria que o urro dos mammothus desvaneceu-se.

*Por Aiur! Por Aiur!*

Feixes de energia azulada cortaram a alvorada, dilacerando os mammothus numa chuva de sangue e ossos. Um trio de destruidoras protoss emergiu em meio à carnificina, trovejando entre uma dezena de caças que rasgavam o céu com partículas superaquecidas. Teredal se virou e viu pela primeira vez o que o seguira. Um exército zerg: hidraliscas, baratas e zergnídeos sem fim. Os mammothus berravam sob o intenso calor, incapazes de se defender da investida pelo ar. Pegos por uma inesperada tempestade, só os zergs mais próximos às paredes do cânion conseguiram se proteger.

Teredal caiu de joelhos, entregando seu corpo à escuridão. Não havia mais sinal de dor no braço, e o peito parecia vazio. O fanáticus caiu na areia, vendo o último sinalizador rolar de

seus dedos inertes. Aiur nascia no horizonte, lado a lado com o sol. Era lindo. Verde, dourado, perfeito.

Enquanto observava Aiur galgar os céus, mais vozes emergiam no Khala ao seu redor.

*Sim. Você tinha razão, Executora. O fanáticus está aqui.*

*Ele está aqui?*

*Não sei como, mas ele está aqui.*

Teredal lutava para responder. Seu corpo não se movia, e sua voz, sem forças, não passava de um sussurro se propagando pelo Khala.

*Reconvoque... reconvoque a frota, Executora. Reconvoque a frota.*

Silêncio. Em seguida, uma resposta ecoou nos céus.

*Nós vimos seus sinais, fanáticus, e a executora compreende seu significado. A frota será reconvocada. Aiur deverá esperar por mais um dia.*

*En taro Adun, fanáticus.*

Teredal assentiu, com o rosto coberto de areia fria e brilhante.

*En taro Adun.*

Ele se imaginou por um instante em Aiur, ao lado de seu mestre. Ambos observavam a lua, que brilhava tão intensamente que era quase insuportável.

*Saalok... está brilhante esta noite. Muito brilhante.*